

produzida pelos tantãs (como também achava Aldous Huxley), e a bebida mais efetiva a "taça do amor", que ele trouxera do México, uma infusão da droga alucinógena mesalina em álcool. As leis de obscenidade da época impediram-no de registrar sua opinião sobre como se devia invocar Afrodite, talvez felizmente, pois quando colocou tais teorias em prática, numa série de ritos mágicos coletivamente conhecidos como a "Obra de Paris", os participantes das cerimônias eram exclusivamente homossexuais. A Obra de Paris parece ter sido muitíssimo bem-sucedida: tanto Crowley quanto seu discípulo Victor NEUBURG foram possuídos em várias ocasiões, ou assim acreditaram, pelos deuses que invocaram. Infelizmente, porém, a maior parte da informação e dos ensinamentos que os deuses transmitiram pela boca dos magos possuídos revelou-se inverídica ou inútil.

Outros meios de alcançar a dissociação usados por Crowley e seus seguidores assemelham-se muitíssimo ao da escola de atores do "Método". Os magos desempenham papéis num tipo de peça de mistério, e identificam-se fortemente com seus personagens. Um mago que interpreta o papel de João Batista, por exemplo, faz o possível para esquecer que está simplesmente representando e ser João, com todos os pensamentos, emoções e crenças dele. Crowley escreveu uma série de peças de mistério, *Os Ritos de Eleusis*, para serem usadas desse modo. Numa ocasião, elas foram encenadas numa casa particular em Dorset, e Neuburg, fazendo o papel de Marte, mergulhou em transe e supostamente foi possuído por essa divindade marcial. Segundo Crowley, o deus — isto é, Neuburg em transe — previu acertadamente não apenas a Guerra dos Balcãs de 1912, mas também a Primeira Guerra Mundial de 1914-18.

### Transe Mediúnico

Com a revivescência da magia em

pleno vapor, muitos ocultistas ocidentais chegam ao transe por meios como os acima descritos. Mas os magos e as feiticeiras em geral realizam suas atividades em círculos secretos fechadíssimos, e o transe mais facilmente observado pelo grande público é o associado à mediunidade espírita que, embora menos espetacular, e sob vários aspectos até mais interessante.

O transe mediúnico é às vezes simulado, claro. Sempre houve, e com certeza sempre haverá, médiuns fraudulentos prontos a explorar os enlutados. A fraude predomina sobretudo no campo da mediunidade física, e alguns "médiuns de transfiguração" contemporâneos, cujos rostos supostamente se transformam nos dos comunicadores desencarnados, devem ser vistos com séria suspeita. Contudo, a existência de dinheiro falso não anula a do artigo verdadeiro, e não há por que desconfiar da autenticidade da maioria dos médiuns. Isso não quer dizer que se deva aceitar as hipóteses espíritas, de comunicação com os mortos e tudo mais, formuladas para explicar os fenômenos da mediunidade de transe.

Os médiuns autênticos parecem ser indivíduos que podem atingir voluntariamente a dissociação da consciência sem submeter-se às tensões que os magos e feiticeiros têm de se impor. Muitos médiuns descrevem a entrada nesse estado como uma passagem por "camadas de transe": em outras palavras, uma dissociação progressiva, começando com alguma coisa muito semelhante ao sonhar acordado, que todos já experimentaram, e passando para um estágio em que os comunicadores são "vistos" (CLARIVIDÊNCIA) ou ouvidos (clarividência). Em alguns, mas não em todos casos, o processo continua até que se chega ao estado de transe profundo. A princípio, lembra um sono agitado, e o médium tende a respirar pesadamente, e até mesmo a roncar de forma quase porcina, mas então desperta, não como ele próprio, mas como seu CONTROLE. Este

é, teoricamente, uma entidade desencarnada, um telefonista celestial por assim dizer, cuja função é ligar o corpo do médium ao espírito do morto, mas na realidade é quase certamente uma personalidade secundária do próprio médium. O controle em geral mantém as outras entidades comunicadoras à distância, transmitindo suas observações e mensagens, mas de vez em quando permite que um ou mais deles se apoderem de seu corpo. Os resultados às vezes são espetaculares: o modo de falar do médium e até mesmo sua aparência física se modificam acentuadamente, e os presentes dizem que estão conversando com um parente ou amigo morto. Mesmo assim, é difícil aceitar a hipótese espírita, embora ela não possa ser inteiramente descartada, e a maioria dos investigadores sérios acredita que os comunicadores não são seres desencarnados, mas segmentos separados da mente inconsciente do médium.

Nos últimos anos, parapsicólogos de todas as escolas de pensamento têm demonstrado grande interesse pelo transe e dado as mais variadas explicações sobre ele. Os discípulos de Wilhelm REICH explicaram-no como a reação da mente aos efeitos físicos produzidos pela misteriosa "energia orgone": isso não impediu que alguns membros da Associação Orgonô-

mica Americana tentassem usá-lo para fazer contato com seu mestre morto. Alguns junguianos vêem o transe como "uma descida ao inconsciente coletivo": contudo, mesmo que o inconsciente exista, essa expressão é mais uma descrição que uma definição. Talvez a visão mais satisfatória do transe seja a preferida pelos behavioristas. Esses pavlovianos modernos consideram o transe um aspecto do que chamam de inibição transmarginal, o mecanismo protetor através do qual o cérebro, sob tensão, pode alterar radicalmente a forma como responde aos estímulos externos. Os médiuns são pessoas que precisam de relativamente pouca tensão para chegar a esse estado e sua inibição se tornar um padrão condicionado da atividade cerebral. Num sentido, pelo menos, as explicações não têm importância. A pessoa que experimenta um transe em geral não está interessada em seu mecanismo, fisiológico ou psicológico: para ela, é a própria experiência que importa. F. K.

(Ver também CONSCIÊNCIA; CURA PELA FÉ; HIPNOSE; MÉDIUNS; ESPIRITISMO.)

(Outras leituras: 416, 417, 492.)

**Transferência de Pensamento** Ver TELEPATIA.